

## 2. Considerações metodológicas

O estudo da intervenção dos homens na paisagem da encosta noroeste da Serra da Estrela assentou na chamada arqueologia extensiva<sup>1</sup>, tendo os trabalhos de prospecção sido antecedidos de uma análise cartográfica e toponímica, que teve por base o Repertório Toponímico do Exército associado a um Sistema de Informação Geográfica (Arcview, versão 3.2), bem como da análise da cartografia à escala 1:25 000 (versões dos anos 80 e 90 e versões dos anos 50 e 60). Este trabalho permitiu identificar os topónimos mais relevantes para os objectivos inicialmente propostos, possibilitando o relacionamento destes topónimos com a geografia do espaço, nomeadamente com a orografia e a hidrografia. A informação oral foi igualmente um importante indício para a localização de alguns sítios com ocupação medieval. A prospecção orientou-se para aos indícios recolhidos na toponímia, na bibliografia, na documentação, na informação oral e na análise da orografia do espaço.

A falta de documentação escrita impunha uma análise esmiuçada e criteriosa dos dados obtidos nas prospecções. São os dados de superfície que nos indicam a presença eventual de um sítio arqueológico, mas a experiência tem-nos vindo a mostrar que a imagem da superfície do terreno não é propriamente o espelho dos vestígios que se encontram soterrados. Os fenómenos pós-deposicionais, particulares a cada sítio, determinam em boa medida o estado de conservação dos vestígios, assim como a imagem que a superfície do terreno nos oferece. Estas limitações na leitura do terreno e dos vestígios depositados na sua superfície não permitem fazer grandes considerações ou classificações tipológicas dos sítios. Esta restrição é bem mais premente se se pretende classificar tipologicamente sítios arqueológicos apenas com os dados de superfície, sem que haja qualquer referência documental ou mesmo trabalhos de prospecção geofísica. Uma parte significativa dos sítios mencionados ao longo deste trabalho apresentam estas restrições, pelo que foi difícil avançar com caracterizações tipológicas para muitos deles.

Durante as diversas prospecções que foram efectuadas, foi possível reconhecer uma série de sítios arqueológicos onde se podiam observar à superfície fragmentos de cerâmicas de construção, tais como telhas e tijolos tipo “burro”; pedras oriundas de construção de muros, cerâmica comum, etc. Em muitos destes sítios, alguns dos materiais observados apresentavam uma cronologia romana *lato sensu*. Numa observação mais atenta verificamos que alguns destes materiais se inserem em épocas mais recentes, nomeadamente na Alta e Baixa Idade Média. Tal como documentam outros autores, como por exemplo Isabel Alexandra Lopes (2002), Marina Vieira (2004) ou Adolfo Marques (1996), a maioria destes locais com vestígios materiais arqueológicos à superfície estava nas imediações de sepulturas, normalmente pequenas necrópoles ou conjuntos de duas ou três sepulturas. Verificava-se, assim, uma grande coincidência na ocupação do espaço entre as áreas de ocupação sepulcral e as áreas com indícios de habitação. Havia que inferir se eram sítios tipologicamente semelhantes, se se tratavam de locais de habitação e se as suas dimensões eram análogas. Os dados de superfície, porém, têm o óbice de não permitir, na maioria das situações, atestar com alguma fiabilidade a tipologia do *habitat* e a dimensão efectiva do mesmo, tendo sido esta tarefa uma das mais difíceis deste trabalho.

Outro dos problemas que se levantavam à partida era o de destrinçar a cronologia dos sítios, já que os materiais arqueológicos existentes à superfície tinham, genericamente,

cronologias muito abrangentes. Os dados das poucas escavações arqueológicas efectuadas na área em estudo permitem, todavia, aclarar um pouco estas questões, uma vez que foi possível individualizar determinadas cerâmicas comuns de pastas escuras, por vezes de fabrico manual ou torno lento, com decorações unculadas, cordões digitados, incisões onduladas ou simples caneluras, matrizes decorativas reconhecidas em diversos contextos alto-medievais cristãos da Península Ibérica. A presença deste tipo de cerâmicas em certos locais foi usada com factor determinante para a classificação cronológica de determinados vestígios, já que alguns dos materiais considerados como romanos tiveram uma grande diacronia de uso.

A ocorrência de vestígios cerâmicos concordantes com a existência de estruturas de habitat junto de sepulturas escavadas na rocha ou nas imediações destas foi igualmente considerada a própria de locais de *habitat* alto-medieval, por se constatar frequentemente esta associação e ter sido possível, na maioria dos casos, identificar também aí as características cerâmicas alto-medievais de uso comum já descritas. Contrariamente, os lagares e lagaretas escavados na rocha identificados durante as prospecções foram excluídos do estudo, por serem estruturas de ampla diacronia, e para os quais raramente existiam mais informação do que aquela que a pedra trabalhada permitia obter. Foi frequente identificar lagares escavados na rocha junto de sepulturas, ou mesmo resultantes da adaptação destas, situações que levantam diversos problemas quanto à sua interpretação cronológica e até mesmo funcional. São apenas referidas as estruturas de lagar que resultaram da alteração de sepulturas ou mencionados os casos em os lagares se encontram devidamente documentados para esta época, como é o caso do complexo de lagares das Lágneas, localizados na propriedade do Aljão.

A escassa documentação escrita e a toponímia permitem, contudo, trazer alguma luz quanto à classificação funcional de alguns dos sítios. É o caso do topónimo Mesquitela, que indicia a presença de uma antiga mesquita na área actualmente ocupada por uma povoação. Não existem presentemente indícios materiais desta realidade, até porque a povoação tem-se alterado ao longo dos séculos que decorreram desde a presença de muçulmanos nesta zona. Porém, a inequívoca classificação funcional deste topónimo não deixa dúvidas quanto à presença alto-medieval, mais precisamente de cariz religioso muçulmano, neste local. Não longe da Mesquitela ocorre outro topónimo, Mourela, que parece indicar a presença de muçulmanos nestes territórios, bem como topónimo de Alfatima igualmente com uma clara raiz islâmica. Os topónimos de Atalaia documentam igualmente a presença de pontos de vigia, ainda que não tenha sido possível identificar estruturas defensivas construídas. Dois destes topónimos nomeiam locais com grande visibilidade do território e com contacto directo com as estruturas castelares.

Através da documentação escrita, sabe-se igualmente que as actuais povoações de Folgoso e Gouveia possuíam castelo. A informação colectada nos respectivos forais, bem como o seu cruzamento com a microtoponímia local, permite que se localizem com alguma precisão os locais de implantação destas estruturas defensivas, que o tempo e as profundas alterações do urbanismo fizeram desaparecer. Porém, infelizmente, nenhuma da documentação existente permite ter uma ideia da arquitectura destes castelos.

No Anexo 1 é apresentado um catálogo de todas as ocorrências arqueológicas abordadas no texto, onde se apresenta a designação, tipo de sítio, a sua localização geográfica e administrativa, estado de conservação e breve descrição e referências bibliográficas associadas. Na catalogação tipológica dos sítios foram consideradas categorias tipologias abrangentes como castelo, calçada, ponte, habitat, sepultura, necrópole e lagar. Na descrição de cada sítio, efectuaram-se algumas tentativas de classificação tipológica dos espaços de *habitat*, tarefa muito dificultada devido à escassez dos dados disponíveis.

O capítulo relativo à evidência arqueológica estrutura-se em duas partes fundamentais, optando-se por dividir os vestígios relacionados com o mundo dos vivos e com o dos mortos, tendo no mundo dos vivos sido tratado separadamente as vias de comunicação, estruturas defensivas, tipo castelo ou atalaia e os aglomerados populacionais que não apresentam qualquer estrutura defensiva. Entre estes últimos, houve igualmente uma tentativa de subdivisão dos sítios, de acordo com as suas características. Esta subdivisão é abordada ao longo da sua descrição e na discussão da sua possível funcionalidade. Considerou-se assim como *villae* os sítios que apresentavam áreas de dispersão acima dos 5000 m<sup>2</sup> (Alarcão, 1998, p. 95) e cujos materiais aí identificados deixavam antever alguma capacidade aquisitiva por parte dos seus habitantes. São normalmente sítios onde foram recolhidos ou observados vestígios de colunas, cerâmicas mais luxuosas, ou outro tipo de artefactos com carácter excepcional como é o caso da pátera do Safail. Considerámos ainda que alguns dos sítios estudados de grande dimensão se poderiam integrar numa categoria que optámos por denominar núcleos habitacionais de cariz pluri-familiar. Estes poderiam assemelhar-se ao que hoje se consideram pequenas aldeias, caracterizando-se por apresentarem áreas de dispersão dos vestígios superiores a 10 000 m<sup>2</sup> (Alarcão, 1998, p. 95) que estão, neste caso específico, normalmente associados a necrópoles de sepulturas escavadas na rocha, onde não foi possível identificar qualquer material arqueológico de carácter mais excepcional. Foi também possível individualizar alguns sítios cuja área de dispersão dos vestígios era intermédia, isto é, que não se estendem por áreas tão alargadas como as *villae* ou as aldeias, mas que têm uma dimensão superior (pelo menos no que diz respeito aos vestígios de superfície) à dos casais. Denominámo-los quintas (Alarcão, 1998, p. 95; Vieira, 2004, p. 31). Por último, considerámos como casais todos os sítios cujos vestígios consentâneos de uma ocupação habitacional não se dispersam por mais de 500 m<sup>2</sup>. Estão normalmente associados a uma ou duas/três sepulturas escavadas na rocha e os materiais que aí se observam são essencialmente materiais de construção (*tegulae*, *imbrices*, pedra miúda) e raras cerâmicas de uso comum, escassamente decoradas.

Os locais para os quais não existem dados arqueológicos concretos, e para os quais não foi efectuada uma ficha descritiva, mas cuja toponímia e a documentação escrita atestam a sua existência, foram igualmente incluídos nestas duas grandes categorias, mas não considerados no Anexo I.

No mundo dos mortos, em contrapartida, foi possível categorizar os diversos sítios em sepulturas isoladas, conjuntos de duas ou três sepulturas e necrópoles, quando o agrupamento de sepulturas ascendia a mais de três. A individualização na análise destes pequenos núcleos sepulcrais de duas ou três sepulturas surge do facto de ser recorrente a identificação destes pequenos conjuntos, que levantavam problemas de interpretação diferentes daqueles levantados pelas necrópoles ou sepulturas isoladas. Foi A. del Castillo (1972) quem efectuou primeiramente esta distinção, quando individualizou, dentro das necrópoles que estudou, os núcleos de duas a três sepulturas, que interpretou como agrupamentos familiares. Não obstante essa realidade ser observável em algumas das necrópoles estudadas, era marcante a quantidade de sítios com núcleos deste género que não estavam integrados em necrópoles propriamente ditas, pelo que a adaptação da categorização utilizada por A. del Castillo foi bastante funcional no estudo dos mesmos.

Assim, a apresentação dos dados relativos às sepulturas foi feita de acordo com as diversas categorias de agrupamento das sepulturas escavadas na rocha: as sepulturas que se encontram isoladas, as que se apresentam integradas em pequenos conjuntos 2/3 sepulturas e os conjuntos maiores, que já poderemos denominar de necrópoles.

Para o estudo individual das sepulturas, houve a necessidade de efectuar a análise das suas características tipológicas e métricas, do seu contexto geográfico e cultural e da sua loca-

lização administrativa actual e geográfica absoluta. Estes parâmetros do estudo são apresentados, por comodidade, sob a forma de tabelas junto a cada uma das descrições dos diversos sítios com sepulturas estudados, encontrando-se no Anexo II os registos fotográfico e gráfico das sepulturas inéditas.

Para cada sepultura foram caracterizados os seguintes itens:

N Número da sepultura (número atribuído aquando do seu registo)

S Situação da sepultura

- o isolada
- 1 em grupos de 2/3
- 2 necrópole

Sn Situação em necrópole

- o isolada
- 1 em conexão espacial directa com outras

O Orientação

CS Conservação

- o inteira com tampa
- 1 inteira sem tampa
- 2 fracturada
- 3 inacabada
- 4 destruída

TG Tipologia geral

- A não-antropomórfica
- B antropomórfica

TGA Tipologia das sepulturas não-antropomórficas (A)

- o rectangular
- 1 trapezoidal
- 2 ovalada
- 3 sub-rectangular
- 4 assimétrica
- 5 subtrapezoidal

TGB Tipologia das sepulturas antropomórficas (B)

- o rectangular
- 1 sub-rectangular
- 2 trapezoidal
- 3 subtrapezoidal
- 4 assimétrica
- 5 simétrica
- 6 ombro esquerdo
- 7 ombro direito
- 8 curva de braços

- 9 curva das pernas
  
- c1 Cabeceira (tipologia das cabeceiras das sepulturas antropomórficas)
  - o arco ultrapassado
  - 1 arco peraltado
  - 2 arco volta perfeita
  - 3 arco rebaixado
  - 4 arco aplainado
  - 5 rectangular
  - 6 trapezoidal ou angulosa
  - 7 assimétrica
  - 8 sub-rectangular
  - 9 cantos paralelepípedicos
  - 10 cantos arqueados
  
- c2 Plano da cabeceira
  - o cabeceira e leito no mesmo plano
  - 1 cabeceira e leito em planos diferentes
  
- p1 Pés
  - o não destacados
  - 1 destacados
  
- p2 Plano da área dos pés
  - o leito e pés no mesmo plano
  - 1 leito e pés em planos diferentes
  
- R1 Rebordo 1
  - o total
  - 1 parcial
  
- R2 Rebordo-tipo
  - o horizontais
  - 1 elevados
  - 2 rebaixados
  - 3 misto
  
- CL Corte lateral ou transversal
  - o subtrapezoidal fechado
  - 1 subtrapezoidal aberto
  - 2 rectangular
  - 3 sub-rectangular
  - 4 losânguico
  - 5 assimétrico
  
- CC Corte longitudinal
  - o rectangular
  - 1 sub-rectangular

- 2 plano inclinado
- 3 assimétrico
- 4 simétrico
- 5 subtrapezoidal aberto
- 6 subtrapezoidal fechado

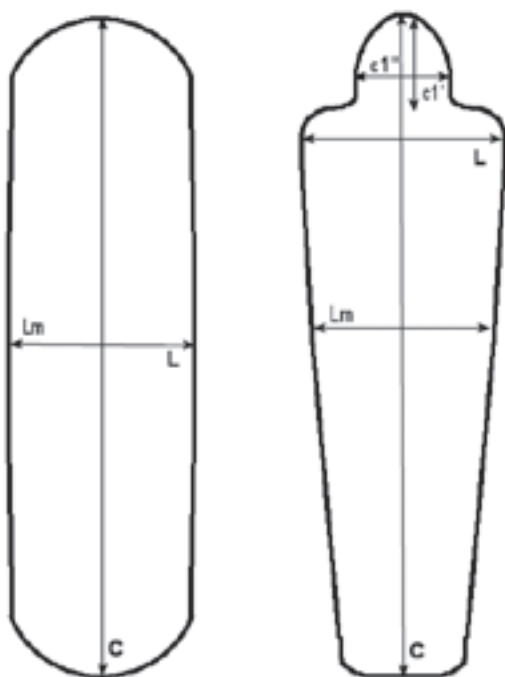


FIG. 1 – Esquema das medidas consideradas no estudo de cada sepultura.

Em termos métricos foram consideradas as seguintes medidas:

- L    Largura máxima
- Lm   Largura a meio
- C    Comprimento
- Pf   Profundidade média
- c1'   Comprimento da cabeceira
- c1''  Largura da cabeceira

Foram ainda considerados elementos geológicos e de índole geográfico-cultural:

- M    Rocha de base
  - o    granito
  - 1    xisto
  - 2    calcário
  - 3    outro

- A Área de implantação
  - 1 afloramento
  - 2 aproveitamento de diaclase
  - 3 penedo isolado
  - 4 sarcófago
  
- IG Implantação geográfica
  - o vale
  - 1 encosta
  - 2 monte
  - 3 esporão
  - 4 planalto
  - 5 terrenos agrícolas
  
- IC Implantação cultural
  - o templo rupestre
  - 1 igreja
  - 2 capela
  - 3 povoado fortificado
  - 4 aldeia com origem medieval
  - 5 castelo com ocupação medieval
  - 6 junto a caminhos romanos
  - 7 junto a caminhos medievais
  - 8 junto a caminhos de cronologia indeterminada
  - 9 junto a um habitat alto-medieval
  - 10 outro

Uma tentativa de interpretação global da evidência arqueológica disponível e da documentação disponibilizada é efectuada nas conclusões, que, mais que um resumo dos dados apresentados no estudo, é uma interpretação articulada dos diversos dados obtidos na pesquisa realizada.

Procura-se estabelecer e caracterizar uma imagem do povoamento na Alta Idade Média, ensaiando-se alguma evolução nas estratégias de ocupação do espaço. Assume-se, por isso, o risco de incorrer em anacronismos. Quando se coloca num mesmo plano temporal os diversos sítios que compartilham as mesmas características tipológicas e cronológicas, está-se a assumir intrinsecamente uma leitura do passado que poderá não corresponder à realidade, uma vez que nada comprova que se trata de realidades efectivamente contemporâneas. Resta então juntar as peças destes puzzles e ensaiar propostas, hipóteses de análise, numa tentativa exaustiva de aproximações aos ínfimos fragmentos do passado, que o tempo permitiu que fossem ainda recuperados. O estudo que aqui se apresenta não é mais do que uma procura e recolha desses indícios, desses fragmentos e a construção de uma hipótese, que se pretende verosímil, de recuperação de uma das imagens desse passado. “O conhecimento do passado é uma coisa de progresso que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa” (Bloch, s.d., p. 55), por isso essa imagem será sempre necessariamente incompleta e nebulosa em muitas das suas superfícies pelas razões tão sobejamente conhecidas de qualquer historiador: a escassez de informação, as dificuldades na compreensão da leitura da informação disponível, a subjectividade com que questionamos os dados de que dispomos, e a incapacidade de aceder a certa informação por limitações dos métodos de abordagem.